

Grupo 1:

# ASPECTOS HISTÓRICOS DA ETIÓPIA

Membros: Vitor, Ana Julia, Pedro, Júlia, Ana Luiza, Heitor, Lucas M,  
Samuel, João Pedro, Dafne, Felipe R

Data: 2023-05-24

# 1. Grupos étnicos da Etiópia:

Na Etiópia, existem mais de 80 grupos étnicos diferentes, cada um com sua própria língua, tradições e identidade cultural. Sendo os mais populares:

**Oromo:** Os Oromos são o maior grupo étnico da Etiópia, constituídos por mais de 25 milhões de pessoas, representando cerca de um terço da população do país. Eles são do sul da Etiópia, têm sua própria língua, o afaan Oromo, e são conhecidos por sua rica tradição cultural, música e dança.

**Amhara:** Os Amharas são o segundo maior grupo étnico da Etiópia, com população de aproximadamente 20 milhões de pessoas. Eles são do nordeste do país, têm uma longa história e são conhecidos por seu papel na formação do estado etíope moderno. A língua amárica é falada pelos Amharas, e eles têm uma cultura rica e distintiva.

**Somali:** Constituído por aproximadamente 4 milhões e 500 mil pessoas, o grupo étnico Somali é encontrado principalmente na região oriental da Etiópia, conhecida como Região Somalí. Os somalis na Etiópia têm sua própria língua, o somali, e compartilham uma cultura e identidade com o povo somali em outros países da região.

**Tigray:** Com aproximadamente 4 milhões e 400 mil pessoas, os Tigrays são um grupo étnico que vive principalmente na região do Tigray, no norte da Etiópia. Eles têm sua própria língua, o tigrínia, e têm uma cultura e história ricas. Os Tigrays também desempenharam um papel importante na política etíope.

**Afar:** Os Afar são um grupo étnico seminômade que habita principalmente a Região Afar, no nordeste da Etiópia. Eles têm uma língua própria, o afar, e são conhecidos por sua cultura e estilo de vida adaptados ao ambiente árido da região. Além disso, são representados por aproximadamente 1 milhão e 200 mil pessoas.

Além desses grupos étnicos principais, existem muitos outros grupos menores na Etiópia, como os Gurage, Sidama, Wolayta, Hadiya, Konso, entre outros. Cada grupo étnico tem suas próprias tradições, costumes, línguas e práticas culturais distintas, contribuindo para a diversidade única da Etiópia.

Grupo Étnico	Número de constituintes	Percentual de constituintes
Oromo	25.488.344	34.5%
Amhara	19.867.817	26.9%
Somali	4.581.793	6.2%
Tigrie	4.483.776	6.1%
Sidama	2.966.377	4.0%
Guragie	1.867.350	2.5%
Welaita	1.707.074	2.3%
Hadiya	1.284.366	1.7%
Afar	1.276.372	1.7%
Gamo	1.107.163	1.5%

## 2. Antecedentes à colonização:

A Etiópia não foi uma das vítimas do neocolonialismo, apesar das várias tentativas. Por volta de 1880, a Itália era um dos países mais atrasados da Europa ocidental: ainda muito agrário, pobre, recém-unificado. À época, em torno de 25 milhões de italianos já haviam migrado para vários outros países em busca de uma vida melhor. Para tentar compensar isso, o país também queria arranjar uma colônia na África, como muitos outros estavam fazendo.

Começaram pela região da atual Eritreia, em cima do Chifre Africano, que foi incorporada facilmente como colônia. Mas suas ambições não paravam por aí: queriam também a Etiópia, país cristão governado por Menelik II, que dizia descender do rei Salomão e da rainha de Sabá. Menelik fez um acordo de amizade com os italianos: cedia totalmente a região da Eritreia, em troca de reconhecimento e do fornecimento de armas. Porém havia um desvio no acordo: a versão em amárico (língua da Etiópia) punha à disposição dos etíopes os serviços diplomáticos da Itália. Já a versão em italiano obrigava a Etiópia a usar esses serviços – o que, a fundo, tornava o país um vassalo, pouco diferente de uma colônia.

Menelik anunciou que o tratado não tinha valor, e a Itália concluiu que o único modo de dominar a Etiópia seria através da guerra. Em 1895, cerca de 18 mil soldados italianos partiram para a batalha, esperando encontrar selvagens despreparados, fáceis de dominar. Surpreendentemente, havia mais de 100 mil etíopes, 80% com armas modernas, já em posição de ataque. Foi um massacre sem precedentes: algumas horas depois, 7 mil italianos estavam mortos, 1,5 mil feridos e 3 mil capturados.

Na África, a Etiópia assumiu dimensões míticas. Era um exército africano, de diversas etnias, vencendo os colonialistas brancos. “A Etiópia começou a ser vista como a terra da pureza, onde o cristianismo não foi corrompido pela escravidão”, diz Patrícia Teixeira Santos, do departamento de História da Unifesp e do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. “Nos anos 60 e 70, a Etiópia se tornou símbolo do pan-africanismo.”

Após a guerra, a Itália pretendia estabelecer sua influência na Etiópia de forma pacífica, através de acordos comerciais e diplomáticos. Uma forma de aproximação foi a admissão da Etiópia em setembro de 1923 como membro da Sociedade das Nações, apesar da oposição britânica. Alguns anos depois, em 2 de agosto de 1928, foi assinado um “Acordo de Amizade, Conciliação e Arbitramento” entre os dois países. Este tratado previa, entre outras disposições, a construção de uma rodovia desde o porto de Assab até Dessiê.

Entretanto, as diversas tentativas de penetração econômica italiana na Abissínia realizadas durante a segunda metade da década de 1920 esbarraram em uma resistência por parte do governo etíope. A Abissínia permaneceu hostil à influência italiana e a colaboração entre os dois países não saiu do papel. O país africano recusou diversas ofertas de capital italiano, dando preferência às ofertas norte-americanas e inglesas. Simultaneamente, Hailé Selassié I impôs um controle maior sobre os chefes locais, o que dificultou as tentativas italianas de negociar com os rases descontentes, e iniciou um processo de modernização das forças armadas etíopes.

Em 1932, o general Emílio De Bono, então ministro das Colônias da Itália, fez uma viagem pela África Ocidental. O general relatou a Mussolini sobre as reformas militares realizadas pelo imperador abissínio, inclusive alertando o Duce sobre a possível ameaça que isso poderia representar para as colônias italianas. Começam os preparativos, com o

envio de tropas e material bélico para a Eritréia, então base de operações italianas no Chifre da África.

Em dezembro de 1934 ocorre então um episódio que irá desestabilizar de vez as relações entre a Itália e o império da Etiópia: uma comissão anglo-etíope responsável pela delimitação da fronteira entre a Etiópia e a Somália britânica chegou aos poços de Wal-Wal, na província de Ogaden, no dia 23 de novembro. Os dois grupos mantiveram suas posições até que no dia 5 de dezembro houve disparos de origem indeterminada que resultaram num confronto entre os dois destacamentos.

Logo depois do incidente na fronteira etíope, a Itália apresentou uma série de exigências, dando a entender que se não fossem satisfeitas, se procederia à invasão. O governo do Duce exigia como compensações: um pedido formal de desculpas, uma larga indenização monetária, o reconhecimento da soberania italiana em Wal-Wal, a punição dos responsáveis e a saudação da bandeira italiana diante das tropas. O Negus evocou então o artigo 5 do tratado de amizade de 1928, que previa a submissão do assunto à arbitragem internacional. A Itália se negava a aceitar qualquer tipo de arbitragem, alegando que constantemente tinha suas fronteiras violadas por tropas etíopes e exigia reparação por suas perdas. Temendo a eclosão de um conflito a França e a Inglaterra pressionaram Hailé Selassié a aceitar os termos italianos. Em 14 de dezembro de 1934 o caso foi levado ao Conselho da SDN, onde ficou decidido que seria designada uma comissão encarregada de esclarecer o episódio.

Enquanto se iniciava um entroncado jogo diplomático, Mussolini ordenou a mobilização das forças armadas, planejando um ataque em outubro de 1935, após o término da estação das chuvas. Nessa época o general De Bono foi enviado à África Oriental para comandar os preparativos. Em fevereiro de 1935 ele assumiu o cargo de governador da Eritréia e posteriormente, em 28 de março, Mussolini o nomeou Comandante-Chefe do exército italiano na África. O desembarque massivo de tropas, armamentos, suprimentos e toda a infra-estrutura necessária para uma campanha militar de grandes proporções foi realizado enquanto as negociações entre os dois países mal haviam começado. A 8 de abril, cerca de 200.000 soldados chegam à Eritréia. O principal objetivo do governo fascista era ganhar tempo.

Enquanto as negociações anglo-francesas com Roma se desenvolviam vagarosamente, a Etiópia anunciava seu temor em relação aos preparativos militares italianos. Os nobres abissínios sugeriram atacar os italianos antes que eles terminassem seus preparativos militares. O Negus, contudo, ainda não havia decretado a mobilização do exército na esperança de que a SDN pudesse resolver a disputa. Além disso, no caso de um conflito de fato, o governo etíope queria deixar bem claro, diante da opinião pública mundial, quem era o agressor. Mussolini afirmava que a solução pacífica da questão etiópica só era possível se a Etiópia entregasse à Itália todos os territórios conquistados por Menelik II habitados por populações não amáricas e no núcleo do império fosse estabelecido um protetorado italiano. Se essas condições não fossem oferecidas, a Itália iria à guerra e conquistaria toda a Abissínia.

O imperador ordenou a mobilização geral em 28 de setembro. A ordem era de que os exércitos etíopes estacionados próximos da Eritréia se mantivessem a uma distância de 30km da fronteira. A ação de agentes fascistas, que buscavam alianças junto aos chefes locais e "fomentavam a subversão política na Etiópia já há alguns anos acabou por enfraquecer ainda mais a modesta resistência militar do Negus. O governo fascista afirmava que a Itália estava pronta para vingar a derrota de Adowa, restabelecer a glória e

magnitude do império romano e fazia promessas de prosperidade e riqueza à população. Sob esses apelos, mais navios saíam da Itália em direção ao chifre africano. Tendo o caminho livre para invadir a Abissínia, Mussolini ordenou que o ataque se iniciasse em 3 de outubro. Sob o comando do general Emilio De Bono, as tropas italianas partiram da Asmara, capital da Eritreia e chegaram até a fronteira etíope.

Apesar de toda a preparação militar realizada ao longo do ano de 1935, a invasão italiana à Abissínia chocou a opinião pública mundial. A desigualdade de forças entre as duas partes foi denunciada por uma parcela da imprensa e pelas organizações de paz. Por outro lado, uma parte da imprensa mundial se mostrou bastante compreensível às razões italianas. Na verdade a opinião corrente, principalmente na França, era que a defesa da independência de um longínquo e pobre país africano era uma causa muito insignificante para tamanha tensão diplomática. Seria preferível que a Itália realizasse a conquista a criar uma nova situação de conflito na Europa.

A SDN aplicou sanções na Itália, mas, em termos práticos, contudo, as sanções tiveram efeitos irrelevantes e serviram mais para mostrar algum posicionamento da SDN diante do conflito do que para realmente impedir a Itália de realizar sua conquista na Abissínia. Além disso, o embargo liderado pela SDN não foi aplicado com rigor e tampouco se estendeu para produtos estratégicos como o petróleo, o carvão e o aço, ou a medidas de caráter militar como o fechamento do canal de Suez, que de fato poderiam frear o avanço italiano na África. Enquanto se estendia o debate em torno das sanções sobre a Itália na Assembléia e no Conselho da Liga, as tropas do Duce avançavam francamente na Abissínia. Mussolini exigia um avanço rápido antes que a SDN pudesse estender o embargo para produtos vitais à máquina de guerra italiana.

Em cerca de oito meses, com uma força muito bem equipada, que incluía moderna artilharia, carros, tanques, caminhões, aviões, além de soldados bem treinados, os italianos conseguem finalmente tomar o país africano, que por sua vez, contava com um exército na sua maioria sem treinamento formal, armado de arco e flechas, lanças, alguns rifles (cerca de um terço do exército etíope possuía rifles, fabricados quase todos antes de 1900) e algumas peças de artilharia, caminhões, meia dúzia de tanques e três aviões. Ao ser conquistada, a Etiópia foi anexada à Eritreia e à Somália Italiana, formando um imenso território, dividido em seis províncias. Os italianos utilizaram de violência contra qualquer local que se pronunciasse contra sua conquista, e aboliram a escravidão. Melhorias nos transportes, condições sanitárias, comunicações se seguiram, ao custo de uma brutal repressão do governo instalado em Adis Abeba, a nova capital do que agora era chamada África Oriental Italiana (AOI).

Ao discursar em Roma, logo após a tomada de Adis Abeba, Mussolini irá declarar a restauração do Império, agora sob sua conduta. O discurso marca o auge da popularidade, poder e prestígio do duce, que presencia uma multidão exaltada com seu feito. A glória de Mussolini não durara muito tempo, pois sua decisão de entrar na guerra ao lado dos alemães em 1940 se mostraria fatal para ele e para as conquistas italianas. A Etiópia reconquistaria sua independência em 1941, cinco anos após sua invasão.

### 3. Migrações:

Ao revisitar a história antiga da África, não podemos deixar de notar que esta conheceu movimentos migratórios significativos. Os povos africanos não permaneceram confinados a seus próprios países. Grupos étnicos ou indivíduos deslocavam-se constantemente entre o Egito, a Etiópia, a Líbia... Apesar da existência de fronteiras ente os diferentes

Estados, a fim de fixar os povos, os movimentos migratórios permaneceram importantes. Além disso, as migrações registradas na África durante a Antiguidade não se restringiam aos africanos. o que poderia explicar estes deslocamentos de indivíduos ou povos dentro, fora ou em direção à África? Tiveram esses movimentos migratórios impactos sobre as relações sociais? A análise destas questões nos levará a elucidar as causas da migração na África e suas consequências sobre as relações entre os povos autóctones e os migrantes. Um exemplo de ajuda fornecido por órgãos responsáveis é a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), sendo uma organização dedicada a salvar vidas, com objetivo de assegurar os direitos e garantir um futuro digno a pessoas que foram forçadas a deixar suas casas e comunidades devido a guerras, conflitos armados, perseguições ou graves violações dos direitos humanos. Em seus 70 anos de atuação, a Agência da ONU para Refugiados já protegeu e ajudou milhões de pessoas a recomeçarem suas vidas. Por esse trabalho humanitário, recebeu duas vezes o Prêmio Nobel da Paz (1954 e 1981).

Presente em 135 países, o ACNUR atua em conjunto com autoridades nacionais e locais, organizações da sociedade civil e o setor privado para que todas as pessoas refugiadas, deslocadas internas e apátridas encontrem segurança e apoio para reconstruir suas vidas. No Brasil, o ACNUR possui escritório central em Brasília e unidades em São Paulo (SP), Manaus (AM), Belém (PA) e Boa Vista (RR).

O ACNUR:

- Atua em emergências, fornecendo ajuda humanitária imediata;

- Garante abrigo e serviços básicos para recém-chegados ao local de acolhida;

- Promove a integração de pessoas refugiadas, deslocadas internas e apátridas às comunidades que as acolhem, para que possam reconstruir suas vidas de forma autônoma.

Um lugar no qual a ACNUR atua é na Etiópia, que é um país populoso, com 114.964.000 habitantes, conforme os dados das Nações Unidas para 2020. Trata-se de uma das maiores populações do mundo e a segunda maior de todo o continente africano depois da Nigéria. A densidade demográfica do território é de 115 hab./km<sup>2</sup>. A migração é vista consideravelmente maior no país, o que se deve a conflitos internos, repressão política, busca por melhores condições e fatores naturais, como a ocorrência de secas severas.

Nesse sentido, mais de 3.000 pessoas fogem todos os dias da região de Tigre, na Etiópia, para o leste do Sudão – um influxo não visto nas últimas duas décadas nesta parte do país. Os refugiados estão chegando a áreas remotas com pouquíssima infraestrutura. A maioria cruzou da Etiópia para o Sudão através do ponto fronteiriço de Hamdayet no estado de Kassala e outros em Lugdi no estado de Gedaref. Demora pelo menos seis horas de carro da cidade grande mais próxima, dificultando a entrega rápida de alimentos e suprimentos. Os centros de trânsito nas áreas de fronteira estão superlotados devido ao grande número de chegadas de Tigre, aumentando o risco de doenças incluindo COVID-19. 9.000 pessoas foram transferidas para o primeiro assentamento de refugiados identificado pelo governo; há uma necessidade crítica de identificação nos locais para que os refugiados possam ser realocados para longe da fronteira e possam ter acesso a assistência e serviços.

Nesse período, a escravidão na Etiópia possui uma história complexa que abrange diferentes períodos e contextos. Desde a antiguidade até o período colonial, a escravidão desempenhou um papel significativo na sociedade etíope. Embora a escala e as formas de escravidão tenham variado ao longo do tempo, é importante compreender esse processo histórico. Na antiguidade, a escravidão existia na Etiópia, onde indivíduos poderiam se tornar escravos por várias razões, incluindo dívidas, práticas criminais ou captura em batalhas. Essa forma de escravidão doméstica ocorria tanto entre etíopes como entre diferentes grupos étnicos.

No entanto, é necessário enfatizar que as estruturas sociais variavam e nem todos os etíopes eram escravizados. Durante o período de expansão islâmica, que começou no século VII, algumas regiões da Etiópia foram afetadas pelo comércio de escravos. Os escravos eram capturados e vendidos como parte do comércio transaariano, alimentando o mercado de escravos no Oriente Médio. Essa influência islâmica trouxe mudanças na dinâmica da escravidão na região.

No contexto do comércio de escravos, é importante mencionar a relação entre a Etiópia e o Brasil. Durante o período colonial, o Brasil recebeu muitos africanos escravizados, provenientes de diferentes regiões do continente africano. Alguns escravos etíopes foram trazidos para o Brasil, contribuindo para a diversidade étnica e cultural da população escravizada no país. Apesar das pressões do comércio de escravos promovido pelas potências coloniais europeias, a Etiópia conseguiu manter sua independência durante grande parte da era colonial. Isso resultou em um menor envolvimento da Etiópia no comércio transatlântico de escravos em comparação com outras regiões africanas.

A escravidão interna na Etiópia foi oficialmente abolida em 1942 por decreto do Imperador Haile Selassie. No entanto, mesmo após a abolição oficial, ainda existiam práticas informais de trabalho servil em áreas rurais do país, mostrando a persistência de desafios sociais e econômicos relacionados à liberdade e à igualdade.

## 4. Formação política:

A história da Etiópia remonta a uma das regiões de ocupação mais antigas do mundo, e o país é considerado independente desde a Antiguidade. Ao longo dos séculos, foi governado por diferentes reinos que exerceram influência política, econômica e cultural na região. Apesar de ser um país de grande população cristã, resistindo a influências islâmicas das nações vizinhas, a Etiópia sofreu invasões de civilizações árabes ao longo do tempo, sem sucesso. No século XIX, enfrentou incursões italianas, mas os etíopes resistiram e mantiveram sua autonomia, com o apoio de forças estrangeiras como os ingleses.

A Etiópia é um país de grande diversidade geográfica e populacional, formado por vários grupos étnicos. Apesar de considerado subdesenvolvido, possui importância logística e bons equipamentos de transporte. A economia é baseada principalmente no setor agrícola. O país é uma república parlamentar democrática, e sua cultura é rica e diversa, com forte influência das tradições religiosas.

No contexto político, a Etiópia passou por diferentes governos, incluindo o regime da DERG, que tomou o controle do governo em 1975, instaurando uma República Popular com base no marxismo-leninismo. Esse governo nacionalizou várias empresas e promoveu reformas sociais, rompendo relações com os Estados Unidos e estabelecendo acordos com países socialistas. Entretanto, o regime enfrentou resistência e o país entrou

em um período de conflitos, conhecido como Terror Vermelho. Em 1991, com o fim da União Soviética, o DERG chegou ao fim.

Após esse período, a Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope (FDRPE) assumiu o governo, marcando uma era de relativa estabilidade econômica, porém com restrições políticas e violações dos direitos humanos. O governo enfrentou protestos que resultaram em mudanças, e Abiy Ahmed tornou-se o primeiro líder oromo a ocupar o cargo de primeiro-ministro. A Etiópia passa por um processo de transição para a democracia, buscando acomodar a diversidade étnica e superar desafios como tensões étnicas e demandas por maior autonomia. O federalismo é uma abordagem adotada para promover a solidariedade entre os governos federados e garantir o reconhecimento dos grupos étnicos no país.

## 5. Referências:

1:

- [https://web.archive.org/web/20090325050115/http://www.csa.gov.et/pdf/Cen2007\\_firstdraft.pdf](https://web.archive.org/web/20090325050115/http://www.csa.gov.et/pdf/Cen2007_firstdraft.pdf)

2:

- <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17233/000712497.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

- <https://www.infoescola.com/historia/segunda-guerra-italo-etiope>

- <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/conheca-os-dois-unicos-paises-africanos-que-nao-foram-colonizados-por-europeus>

3:

- <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/etiopia.htm>

- <https://www.acnur.org/portugues/sobre-o-acnur/>

- <https://www.acnur.org/portugues/etiopia/>

- <https://academic.oup.com/afraf/articleabstract/62/247/172/75627?redirectedFrom=fulltext>

- <https://www.ohioswallow.com/book/Children+of+Hope>

- <https://muse.jhu.edu/article/399126>

4:

- [https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114150/Poster\\_36787.pdf?sequence=2](https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114150/Poster_36787.pdf?sequence=2)

- [http://www.forumfed.org/libdocs/IntConfFed07/Volume\\_5/IntConfFed07-Vol5-Tadesse.htm](http://www.forumfed.org/libdocs/IntConfFed07/Volume_5/IntConfFed07-Vol5-Tadesse.htm)

- <https://www.faculdadedamas.edu.br/wp-content/uploads/2022/04/Guerra-Civil-da-Eti%C3%B3pia.pdf>

- <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/etiopia.htm>

- <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/etiopia.htm>